

Brizola, obsessão pela Presidência

15-12-88

Há 30 anos perseguindo com obstinação um mesmo objetivo — a Presidência da República —, o engenheiro Leonel de Moura Brizola, gaúcho de Carazinho, apresenta-se agora diante de uma bifurcação inevitável: se vitorioso através da consagração popular, alcançaria a coroação de uma carreira pública iniciada aos 22 anos como Deputado estadual no Rio Grande do Sul; se derrotado nesta eleição, Brizola talvez ainda queira disputar o Governo do Rio, no ano que vem, mas dificilmente terá fôlego para a sucessão presidencial de 1994, quando estará com 72 anos.

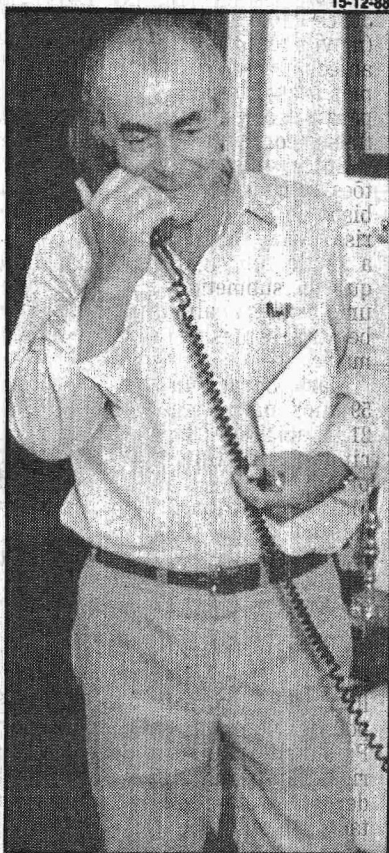
Autoritário e populista, Brizola copia de Getúlio a mão de ferro no estilo de fazer política. Embora negue, é o Getúlio ditador do Estado Novo (1937-1945), de olho no comando das “grandes massas”, a fonte de seu estilo na vida pública, marcada por três mandatos de Deputado (dois estaduais e um federal), um de Prefeito (Porto Alegre) e dois mandatos de Governador (RS e RJ).

Do castilhismo, movimento liderado por Júlio de Castilhos, que governou o Rio Grande do Sul no fim do século passado, incorporou o que os adversários chamam de “caudilhismo”. Assim, arbitra os impasses no PDT, que fundou em 1981, após perder a batalha judicial para a Deputada Ivete Vargas pelo domínio do PTB, ao voltar do exílio de 15 anos.

O Brizola dos 12 dias da “Cadeia da Legalidade”, em 1961, após a renúncia de Jânio Quadros e a conturbada posse de Jango, difere do Brizola mais radical de dois anos depois. Este, por sua vez, pouca semelhança tem com o Governador do “socialismo moreno” de 1982 ou com o candidato de hoje, que pleiteia o “apoio dos conservadores lúcidos”.

Batizado com o nome de Itagiba, trocou-o por Leonel aos 12 anos. Orfão ainda criança — foi engraxate e entregador de jornais — “Brizola só ouve Brizola”, confessam seus poucos amigos. A mulher, Dona Neusa, irmã de João Goulart com quem casou-se em 1950, é sua maior confidente. O casal tem três filhos.

Brizola irrita-se com alguns assuntos: a acusação de ser latifundiário no Uruguai (possui uma fazenda de 1.200 hectares comprada por US\$ 200 mil); as acusações de que teria desviado dólares recebidos de Fidel Castro para a guerrilha brasileira; a história de que fugiu para o Uruguai, em 1964, vestido de mulher; as notícias que envolveram sua administra-



Brizola aposta tudo na sua eleição

ção no Rio em uma espécie de pacto com o crime organizado; e as versões que atribuem a ele o papel de pavio mais irresponsável pela eclosão do golpe de 1964.

No contato pessoal, o aquariano Brizola — torcedor do Bangu, fã de churrasco e feijoada — tem a habilidade de minimizar críticas e contradições. No jogo político, usa as mesmas armas. O individualismo cego, porém, o leva a erros grosseiros. Foi assim ao não deixar o Governo do Rio para candidatar-se à Constituinte ou quando implodiu as lideranças dos ex-Deputados Rogê Ferreira e Freitas Nobre, em São Paulo, na formação do PDT, em 1982, para substituí-los pelo populismo de Adhemar de Barros Filho.

Recentemente, afastou Adhemarzinho. Erá tarde. Hoje, Brizola não possui mais do que 2% de popularidade em São Paulo — o maior colégio eleitoral do País — sendo esse um dos erros que podem jogar pela janela uma vida inteira de obsessão pela Presidência.